



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Matemática e suas interfaces com o ensino

Sinop, v. 13, n. 2 (33. ed.), p. 272-281, jun./jul. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

OS DESAFIOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR EM SALA DE AULA COM UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR¹

THE CHALLENGES AND PEDAGOGIC PRACTICES OF THE TEACHER IN THE CLASSROOM WITH A CHILD WITH CHALLENGING OPPOSITIONAL DISORDER

Larissa Calixto Mendes

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar e compreender as práticas pedagógicas do professor para o desenvolvimento de crianças portadoras do Transtorno Opositor Desafiador no ambiente escolar. A fundamentação teórica do artigo embasou-se nos autores Gustavo Teixeira e Marcela Barbacena. A metodologia de pesquisa deu-se mediante a observação e entrevistas semiestruturadas com professoras da rede pública da cidade de Sinop, Mato Grosso, nos anos de 2019 e 2021. Conclui-se que a criança possui características peculiares e que a escola e os professores desempenham um papel importante no sentido de oferecer um espaço às brincadeiras associadas a situações de aprendizagem que sejam significativas, contribuindo de forma agradável e saudável para o desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Transtorno Opositor Desafiador. Tod. Educação Especial.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TRABALHO DO PROFESSOR COM UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR**, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2022/1.

ABSTRACT²

This article aims to explore and understand the teacher's pedagogical practices for the development of children with Oppositional Defiant Disorder in the school environment. The theoretical foundation of the article was based on the authors Gustavo Teixeira and Marcela Barbacena. The research methodology took place through observation and semi-structured interviews with teachers from the public network of the city of Sinop, Mato Grosso, in the years 2019 and 2021. It is concluded that the child has peculiar characteristics and that the school and the teachers play an important role in the sense of offering a space for games associated with learning situations that are meaningful, contributing in a pleasant and healthy way to the student's development.

Keywords: Disorder. ODT. Special Education.

Correspondência:

Larissa Calixto Mendes. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: calixto.larissa@unemat.br

Recebido em: 8 de junho de 2022.

Aprovado em: 21 de junho de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6326/4654>

1 INTRODUÇÃO

O transtorno Opositor Desafiador (TOD) é caracterizado por comportamentos frequentes de irritabilidade, agressividade, raiva, desafio e desobediência. A compreensão sobre esse transtorno carrega uma complexidade tremenda considerando que ao se tratar de comportamentos impulsivos, muitas vezes os portadores são taxados como rebeldes e sem limites. “Essas crianças apresentam maior agressividade, maior impulsividade, mais conflitos com os outros estudantes,

² Resumo traduzido por Karina Hubner Ferassolli Sansoni, mestranda em Letras (Linguística Aplicada) pelo PPG Letras UNEMAT/Sinop e graduada em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop. E-mail: karina.hubner@unemat.br.

maior dificuldade nos relacionamentos sociais e pior desempenho acadêmico” (TEIXEIRA, 2014, p. 35)

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou compreender o comportamento de crianças com TOD no âmbito escolar, visando explorar as práticas pedagógicas dos professores em sala de aula, considerando a rotina necessária para o desenvolvimento da aprendizagem.

O objetivo do artigo é contribuir para o entendimento de profissionais na área de educação, que se encontram diante da dificuldade de trabalhar com crianças portadoras do TOD, tendo em vista a escassez de artigos e materiais que auxiliassem nesse desafio.

A abordagem metodológica ocorreu de forma qualitativa, mediante a pesquisa de campo. Os dados coletados deram-se a partir de entrevistas semiestruturadas com professoras e coordenadoras da rede pública da cidade de Sinop, em Mato Grosso, nos anos de 2019 e 2021. A fundamentação teórica baseou-se nos estudos dos autores Gustavo Teixeira e Marcela Barbacena.

2 O TOD E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A condição do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Opositor Desafiador (TOD) comprometem as interações sociais e comportamentais da criança, tornando-as emocionalmente instáveis, suscetíveis a surtos de estresse, em que a bipolaridade se mostra bem evidente (TEIXEIRA, 2014).

Segundo o segundo o DSM – IV – TR caracteriza-se como TOD:

Perder a calma; discutir com adultos; negar-se a obedecer aos pedidos ou regras dos adultos; fazer coisas que incomodem, gratuitamente, os outros; culpar os outros por seus erros ou comportamentos inadequados; ser suscetível à irritação; ficar enraivecido e ressentido; ser rancoroso e vingativo. (DSM- IVTR, 2000).

Quando falamos sobre a criança desafiadora inserida em sala de aula, na maioria dos casos essa criança apresenta problemas para se adaptar ao método de ensino utilizado pela professora, podendo, assim, comprometer o aprendizado de seus colegas de sala. Conviver e saber orientar os portadores do transtorno opositor

desafiador é um grande desafio para os pais e educadores, tendo em vista que essas crianças com TOD se negam a fazer atividades e constantemente estão causando conflitos com quem as cerca.

Discute com professores e colegas; recusa-se a trabalhar em grupo; não aceita ordens; não realiza deveres escolares; não aceita críticas; desafia autoridade de professores e coordenadores; deseja tudo ao seu modo; é o “pavio curto” ou “esquentado” da turma; perturba outros alunos; responsabiliza os outros por seu comportamento hostil. (TEXEIRA, 2014, p. 25).

Cabe ao professor elaborar metodologias consistentes de ensino para alunos com TOD, pois estes alunos que possuem o transtorno tendem a ter uma maior dificuldade de ensino do que os alunos comuns. Em primeiro momento, o educador deve preparar uma entrevista com a família, a fim de realizar um levantamento da maior quantidade de informações possíveis a respeito do comportamento da criança em casa com a família. Isto dará uma noção ao professor da personalidade da criança. “Os pais são chave importante nesse processo, devendo informar à escola onde seus filhos precisam de mais apoio. Manter esse diálogo franco e aberto com os pais é fundamental” (FRANÇA, 2012, p. 7).

O professor que se encontra em frente ao desafio de lidar com uma criança opositora tem que estar completamente disposto a conhecer o aluno, para que ele possa saber quando o aluno está prestes a ter uma crise, podendo assim mediar a situação antes que a crise comece. Se o professor conseguir se manter sempre calmo diante das provocações e imposições da criança, e mostrar ao aluno que ele está ali só para ajudar, aos poucos ele irá conquistando a confiança do aluno, fazendo com que a criança aceite melhor as regras impostas a ele.

Na escola, o desempenho está comprometido na maioria das vezes, pois ele não participa das aulas, não realiza trabalhos ou deveres escolares. Entre esses alunos são grandes as incidências de abandono e reprovações. (TEIXEIRA, 2014, p. 81).

O aluno com TOD normalmente não aceita respeitar as regras e ordens impostas pelo educador, apresentando, em certos casos, surtos de agressividade ao serem confrontados. Os picos de raiva são uma das maiores preocupações que se manifestam no transtorno. Esses surtos duram de 15 a 40 minutos e podem ser

iniciados por diversos motivos: ao ser contrariado, ao se sentir ridicularizado, ao ter sua atenção cobrada, etc. Os alunos com TOD tendem a ser crianças dispersas, que se opõem às regras e que dificilmente acompanham as atividades da rotina escolar: “A criança ou adolescente que apresenta tais comportamentos pode ter um grande prejuízo na vida escolar, no meio familiar e social” (TEXEIRA, 2014).

O professor pode tentar compreender a situação e estabelecer o controle sobre o aluno e, para controlar determinadas situações, o profissional poderia tentar identificar quais são as maiores dificuldades manifestadas pela criança. Na perspectiva de compreender as ações e concepções pedagógicas do trabalho do professor de alunos com TOD realizamos a presente pesquisa.

3 METODOLOGIA E RESULTADOS

A fim de obter mais informações sobre o assunto abordado na pesquisa, o desenvolvimento da metodologia realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas com professores e com a equipe pedagógica. Sobre a técnica de coleta de dados com base nesse tipo de entrevista, Triviños afirma que:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

3.1 Entrevista com a professora

A seguir, serão apresentados os questionamentos feitos à professora da turma de 1 ano na qual o aluno frequentava.

Pergunta: Como professor, você já teve alguma experiência de trabalhar com um aluno com TOD? Poderia descrever sua experiência?

(1) Professora: Em todos esses anos de atuação na educação básica, essa é a primeira vez que tenho um aluno diagnosticado com transtorno em sala de aula, a experiência está sendo desafiadora.

Pergunta: Você já teve alguma formação para o trabalho pedagógico para o TOD ou formação associada aos transtornos globais de desenvolvimento?

(2) Professora: Não tive nenhuma formação em educação especial. Para lidar com o aluno, busco pela ajuda de terapeutas e psicólogos especializados no assunto.

A pouca informação deste transtorno por parte das famílias e dos profissionais da educação pode fazer com que o comportamento dele seja entendido como falta de limites, desobediência e hiperatividade. Conhecer os fatores do ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento da criança, pois o meio onde a criança está inserida, as regras estabelecidas e a forma de conduzir a situação conflituosa diante da oposição da criança se tornam importantes no processo de desenvolvimento desse tipo de comportamento. Segundo Apa (2014):

Quando o transtorno de oposição desafiante é persistente ao longo do desenvolvimento, os indivíduos com o transtorno vivenciam conflitos frequentes com pais, professores, supervisores, pares e parceiros românticos. Com frequência, tais problemas resultam em prejuízos significativos no ajustamento emocional, social, acadêmico e profissional do indivíduo. (APA, 2014, p. 465).

Podemos dizer que o professor precisa conhecer o Transtorno Opositor Desafiador, seus sintomas, causas e limitações, para que assim ele possa ter um ponto de partida em relação ao trabalho traçado por ele. Ter uma conversa sincera com os pais do aluno com o TOD, procurar saber como a criança é em casa, o que faz em seu tempo livre, e principalmente como e quando ocorrem as crises de raiva, é fundamental, para que assim, quando o professor estiver diante de uma dessas crises, ele não ficará tão surpreso. Nesse sentido, segundo Teixeira (2014):

O trabalho de informação e orientação aos professores, diretores, orientadores pedagógicos e funcionários da escola será essencial no manejo dos sintomas no ambiente escolar, objetivando o sucesso do tratamento. Esse trabalho pode ser feito através de programas

pedagógicos direcionados aos profissionais da educação e a todos os funcionários da instituição de ensino que tenham contato com a criança. (TEIXEIRA, 2014, p. 50).

É importante o educador observar a criança, tentando identificar quais as maiores dificuldades demonstradas pelo aluno perante ao seu transtorno, ou seja, manifestações opostas e desafiadoras. Esse passo tem de ser bem aprofundado, a ponto de saber o que a criança gosta de fazer, e o que não o agrada, pois dessa forma o professor poderá desenvolver métodos em relação a como aplicar suas atividades em sala, em torno do que o aluno se identifica.

A seguir, tem-se os demais questionamentos realizados na entrevista.

Pergunta: Como avalia o trabalho pedagógico a ser realizado com aluno TOD?

(3) Professora: O trabalho pedagógico realizado com esse aluno é baseado em adaptações, onde o professor se vê sempre em situações de negociações com o aluno.

Pergunta: Esse aluno reage às orientações pedagógicas realizadas pelo professor em sala de aula?

(4) Professora: Caracterizado pelo transtorno, o aluno tem comportamentos variáveis no dia-a-dia. Em períodos em que está calmo, ele realiza as atividades corretamente e atende as orientações do professor, porém, em períodos de irritabilidade, o aluno é contraditório às orientações, faz ameaças comportamentais e se torna agressivo.

Entende-se que lidar com uma criança ou adolescente com TOD em sala de aula se torna um desafio para os professores. Estar preparado para contornar situações de conflito e nervosismo é primordial. O aluno costuma se negar a seguir regras e a realizar atividades que não o atraem, passando a incomodar e perturbar os colegas.

Na coleta de dados, são relatadas as experiências com os alunos desafiadores. Os episódios de nervosismo, agressividade e negação são presentes

em grande parte dos relatos, na maioria das vezes, motivados por uma contradição ou frustração.

Além da entrevista semiestruturada, tive a oportunidade de observar uma criança com o Transtorno Opositor Desafiador. No início da experiência com o aluno com TOD, como toda pessoa sem informações, tive dúvidas sobre como se manifestavam as características desafiadoras no aluno, chegando a acreditar que se tratava de indisciplina e mau comportamento.

3.2 Observações partir da experiência da pesquisadora

Em um determinado dia, após ter vivenciado de perto um momento em que o aluno estava em meio a uma crise de agressividade, na qual a bolsista que o acompanha não estava conseguindo acalmá-lo, ouvi os gritos e barulhos que vinham da sala, e me aproximei, pedi permissão para poder ajudá-la, e comecei a conversar com o aluno de forma calma e cautelosa. Fui me aproximando dele e questionando o que tinha acontecido para que ele estivesse tendo aquele comportamento. A criança, aos poucos, foi se acalmando e se justificando e, após a crise ter passado, a criança via, unicamente em mim, uma figura carismática que ele permitia contato. Assim, passei a me interessar mais a respeito de compreender o seu comportamento.

Os ataques de fúria e agressividade do aluno eram frequentes. Na maioria deles, ao se sentir contrariado, ele batia, arranhava e mordia a monitora que o acompanhava. Teve momentos em que ele arremessava cadeiras e bancos, quebrava janelas, brinquedos e torneiras do bebedouro da escola.

Diante desses momentos, manter a calma é essencial. Deixar que o aluno se expresse, mais sempre atento para que ele não machuque outros colegas ou a si mesmo, tentar se aproximar devagar e de forma cautelosa, fazer com que ele fale o que o deixou naquele estado pode ajudar a acalmá-lo.

O educador precisa estar ciente de que esse comportamento é involuntário e que o aluno não tem controle sobre seus atos. Sendo assim, é indicado que após a criança se acalmar, o professor sente com ele, e explique o que aconteceu, aponte a gravidade do que houve, e tente mostrar para o aluno meios de fazer com que aquilo não se repita novamente.

Contar o que houve para o aluno e expor sua atitude, repreendendo sem julgamentos e com responsabilidade, é a melhor forma de tratar a situação. Dessa forma, o educador rompe barreiras e adquire maior confiança da criança. Após o acontecimento, é muito comum que a criança demonstre cansaço e sono, pois, movidos por adrenalina, os picos de raiva exigem muito da energia da criança, a qual, por não possuir controle do surto, tende a se sentir cansada após o evento.

Para tanto, segundo Vergés e Sana (2012, p.18):

O professor deve usar a sua autoridade dentro dos limites da democracia para orientar seus alunos, pois quanto maior a confiança entre eles, mas bem aceitas serão as intervenções do professor. Assim, este deve dizer “sim” sempre que possível e “não” quando necessário, para que passe confiança aos alunos e, assim eles possam se sentir mais seguros e confortáveis na promoção de diálogo com o professor.

Considerando todas as características comportamentais do aluno desafiador, a missão de alfabetizar e desenvolver o conhecimento educacional parece irreal diante de tantas oposições. É necessário que o professor esteja disposto a adaptar esse aluno em sua sala de aula. Ele precisará ser persistente, buscar orientações e formações que o ajudem a compreender o aluno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou os desafios e práticas pedagógicas do professor com estudantes com transtorno opositor desafiador (TOD) nos anos iniciais do ensino infantil, objetivando analisar as rotinas pedagógicas dos professores no processo de aprendizagem desses alunos.

Compreendeu-se que além do conhecimento pedagógico, é importante que o educador busque aperfeiçoamento profissional para dispor do preparo na prática e manter a qualidade no ensino e aprendizagem dos alunos, inclusive saber lidar com situações desafiadoras como transtornos globais de desenvolvimento e/ou o próprio transtorno aqui citado, TOD.

O desafio proposto da relevância de descortinar esse objeto foi o de contribuir com as práticas dos educadores em observar a criança, tentando identificar quais as maiores dificuldades demonstradas pelo aluno perante ao seu transtorno, ou seja,

manifestações opositoras e desafiadoras. Esse passo tem de ser bem aprofundado, a ponto de saber o que a criança gosta de fazer, e o que não o agrada, pois dessa forma o professor poderá desenvolver métodos de como aplicar suas atividades em sala, em torno do que o aluno se identifica.

Nesse sentido, o Professor deve estar atento para fornecer um ambiente agradável e seguro, não se apegar às possíveis estereotípias em relação ao aluno, e oferecer rotinas diárias consistentes para reforçar o aprendizado. A criança precisa entender cada rotina do dia e saber o que a espera. Por exemplo, incluir sinais manuais à linguagem, é um facilitador.

Portanto, desejamos que a referida pesquisa possa contribuir para a compreensão do que se trata o Transtorno Opositor Desafiador.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, V. L. M. L., SANTOS, W.D. V. **Transtorno desafiador de oposição e suas comorbidades: um desafio da infância à adolescência.** Psicologia.pt. fevereiro 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1175.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBACENA, M. M., *et al.* Nível cognitivo e transtorno do desenvolvimento da coordenação: estudo com escolares de 7 a 10 anos de idade. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 534-544, set. 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1839>. Acesso em: 12 dez. 2019.

TEIXEIRA, G. Terapêutica medicamentosa no transtorno desafiador opositivo. **Arquivos brasileiros de psiquiatria, neurologia e medicina legal**, v 100, n. 2, abr./maio/jun. 2006. Disponível em: <http://www.comportamentoinfantil.com/tdo1.pdf>. Acesso em: 11 dez 2019.

TEIXEIRA, G. **O Reizinho da Casa:** manual para pais de crianças positivas, desafiadoras e desobedientes. Rio de Janeiro: Best Seller. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VERGÉS, M. R. M., SANA, M. A. **Limites e indisciplina na educação infantil.** 3^o ed. São Paulo: Alínea, 2012.